

O artigo, a carta e a crônica na UNICAMP

1. Artigo de opinião

A banalidade do mal

Muitas mãos invisíveis seguravam a arma do PM que assassinou Eduardo Felipe Santos, 17, cuja morte foi filmada por moradores do Morro da Providência, centro do Rio. O policial foi o autor do disparo, mas não puxou o gatilho sozinho. Muitas mãos invisíveis estão sujas de sangue. De apresentadores de TV que pregam o moralismo do extermínio a autoridades que a cada assassinato cometido pelo Estado repetem: não vamos recuar. De políticos que se alimentam eleitoralmente de cadáveres aos cidadãos de bem que aplaudem justificações.

Após o julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann, condenado pela execução de milhões de judeus, a filósofa Hannah Arendt criou o conceito de banalidade do mal. Ela se impressionou ao ver que os autores de crimes tão bárbaros eram burocratas, homens comuns, banais. Essa banalidade é aqui representada pela execução de Eduardo. Após assassiná-lo, o PM pôs uma arma na mão da vítima e a disparou para simular o confronto. O ato burocrático: decidir tirar friamente a vida do jovem supostamente envolvido com o tráfico.

A legitimação social da violência e a doutrina militar da guerra, essência da PM, fazem com que o mal seja banalizado e rotineiramente praticado por uma "massa burocrática de homens perfeitamente normais", como escreveu Hannah. Ele atinge os próprios policiais, que matam e morrem muito. Em 2015, 56 foram assassinados no Rio.

Há exemplos históricos dessa burocratização. Em 1995, o ex-governador do Rio Marcello Alencar transformou o extermínio em política de Estado ao conceder bonificações por atos de bravura a policiais. A gratificação faroeste dobrou a quantidade de "execuções". O relatório da Anistia Internacional "Você Matou meu Filho!" é contundente. Entre 2010 e 2013, 1.275 pessoas foram mortas pela polícia na capital carioca. Destas, 99,5% eram homens, 79% eram negros e 75% tinham entre 15 e 29 anos de idade. Este também é o perfil da maioria dos policiais mortos na insensatez de uma guerra que atinge os mais pobres.

Infelizmente, suas tragédias têm servido apenas para reafirmar a violência e atacar a defesa dos direitos humanos, não para sensibilizar a opinião pública sobre a violação dos direitos dos trabalhadores da segurança. Boa parte das famílias de policiais é atendida pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio, que presido, como no caso do soldado Bruno Pereira, torturado e morto por traficantes.

A sociedade que trata a violência como ritual de redenção coletiva, ao dar à polícia o direito de decidir sobre a vida e a morte, está condenada à barbárie. Ela faz da sua história um cortejo fúnebre.

Marcelo Freixo, Folha de São Paulo.

2. Carta argumentativa

De oswaldo.cruz@edu para dilma@gov

Senhora,

Estive ontem com o doutor Adib Jatene, e ele contou que a participação do banco BTG Pactual na rede de hospitais D'Or estaria sendo vendida por algo como R\$ 2 bilhões. Nesse caso,

o negócio todo vale uns R\$ 20 bilhões. Puxamos pela memória e vimos que o Brasil deve ter uns quatro bilionários (em dólares) que fizeram fortuna no setor de saúde. Estranha estatística. No Brasil, os bilionários são donos de hospitais ou atuam na área da saúde. Nos Estados Unidos, os bilionários dão nome a hospitais que lembram suas atividades filantrópicas. O Langone e o Sloan Kettering Memorial, em Nova York, por exemplo.

Seria de supor que a saúde no Brasil estivesse muito bem, porque, em 1892, quando me formei em medicina, não havia dono de hospital rico. Nem quando o Jatene se diplomou, em 1953. As coisas aí vão de pior a péssimas. Se vos faltasse alguma desgraça, o Brasil tem uma nova epidemia, transmitida pelo meu velho conhecido, o mosquito *Aedes aegypti*.

Ele empestava o Rio de Janeiro no início do século 20, transmitindo a febre amarela. Tive mão forte do presidente e fumiguei a cidade. Não se empregavam apaniguados na saúde pública. O conselheiro Rodrigues Alves nomeou um médico sem consultar-me. Levei-lhe minha demissão e ele desfez o ato.

A relação entre o mosquito, o vírus zika e complicações neurológicas foi sugerida em 2013. No sábado passado, o seu Ministério da Saúde anunciou que o zika matara uma criança no Ceará e reconheceu a suspeita de que tenha provocado 1.248 casos de microcefalia em bebês. Disparou-se um mecanismo neurastênico, como se a calamidade estivesse no vírus. Ela não está no zika, mas na saúde pública.

O seu diretor do departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis disse o seguinte: "Não engravidem agora". Bem que a senhora poderia avisar às brasileiras quando a gravidez deixará de ser arriscada. Levado ao pé da letra, meu colega extinguirá nossa população.

O zika provoca distúrbios neurológicos em adultos, homens, mulheres e mesmo em bebês. Alguns podem ser leves, outros, graves. Desde o ano passado havia médicos trabalhando com a informação de que o vírus chegara ao Brasil. Ele estava aí e posso lhe dizer que no primeiro semestre um paciente nordestino foi diagnosticado, até mesmo em São Paulo, com diversas suspeitas, menos zika. Era.

Isso é produto do descaso de um sistema de saúde onde os mosquitos parecem fazer parte do mundo dos pobres. O *Aedes* continua transmitindo dengue. Neste ano, já pegou 1,5 milhão de brasileiros e esse número virou uma simples estatística. É elementar que o zika atingiu também adultos, diagnosticados sabe-se lá com o que.

Haverá quem pense que os clientes de hospitais de bilionários estarão livres do risco. É verdade que existem doenças de pobres, mas o *Aedes* não trabalha com reserva de mercado. O problema está onde sempre esteve: no mosquito e na ideia de que ele só pica pobre. Ele nos trará mais surpresas.

Termo com um pedido: troque o nome de todas as ruas que levam o meu nome para "Rua do Mosquito". Enquanto ele matar brasileiros, o venerável Instituto Oswaldo Cruz terá o nome da praga: "Instituto *Aedes Aegypti*". Assim, em vez de exaltar uma glória que não temos, lembraremos de um problema que não resolvemos.

Saúda-a o patrício,
Oswaldo Cruz.

Elio Gaspari.

3. Crônica

As prioridades que o tempo traz

Resisti só 11 dias. Mas, diante de tanta propaganda, tanto marketing, tanto merchandising, acabei sucumbindo e assisti a “Star Wars — Episódio 7 — O despertar da Força” (quando é que os filmes começaram a ter três títulos ao mesmo tempo?). Não vou dizer que não gostei. Esse J.J.Abrams é mesmo talentoso na tarefa de recuperar franquias cinematográficas aparentemente enterradas (quando é que filmes em série começaram a ser chamados de franquias?). O filme é estranhamente familiar. Dá aquela sensação de déjà vu. Na verdade, o roteiro, que demorou tanto para ser feito, que foi refeito várias vezes, que teve várias ideias abandonadas, é muito parecido com “Star Wars — Episódio 4 — Uma nova esperança” (quando é que este filme deixou de se chamar “Guerra nas estrelas?”). Bem, como o episódio 4, que na verdade é o episódio 1, chegou aos cinemas há 38 anos, vai ver que só eu me lembro da história que ele contava. Para o resto do mundo, talvez seja tudo novo. Pouco importa. Há um momento no filme em que roteiro, déjà vus, franquias, J.J.Abrams... tudo fica em segundo plano. É quando entram em cena Harrison Ford e Carrie Fisher. Ou, para quem não está ligando os nomes às pessoas, Han Solo e Princesa Leia.

Faz parte da magia do cinema os heróis nunca envelhecerem. O Tarzan terá sempre o rosto de Johnny Weissmuller aos 28 anos. Superman será sempre Christopher Reeve aos 26 anos. Nós não precisávamos conhecer Han Solo com 73 anos, nem a Princesa Leia aos 59 (surpreendentemente, ela está mais acabada do que ele). Aqui você pode dizer: o cara vai ver “Star Wars” e fica falando da idade dos atores! O que é que isso tem a ver com o filme?

Talvez seja a época em que tenha sido lançado. No Ano Novo, a gente está sempre se lembrando da passagem do tempo. Tic-tac, tic-tac, tic-tac... Talvez tenha sido o perrengue que passei no Galeão antes de embarcar para uma viagem de fim de ano. A fila de embarque parou e começaram as prioridades. A senhora atrás de mim — não era das mulheres mais bem conservadas — começou a me dar um toque: “Vai lá, aproveita, quem tem mais de 60 pode furar a fila”.

Não me mexi. Resolvi não atrapalhar a prioridade de quem realmente precisa. Mas como é que essa mulher que eu nem conheço sabe que tenho mais de 60 anos? Já aparento? Faz tempo que aparento? É a calvície, os poucos fios de cabelo que restam, todos brancos. É a barriga... Bem, o público externo não sabe, mas também tem a dor no ombro, a dor no joelho, a dor... tudo dói depois dos 60! Não acredito que Han Solo não tenha também suas dores. E a Princesa Leia, então, que nem chegou aos 60, aposto que andava pelo estúdio em cadeira de rodas. Feliz 2016?

É tempo também de resoluções. Antecipei uma delas. Tenho que tirar nova carteira de identidade. Depois dos 60, a carteira de identidade fica um lixo. E a foto no documento está sempre nos lembrando de como éramos magrinhos, joviais e com vastas cabeleiras. Encontrei um posto de identificação em Copacabana. Fui obter informações: “Como se tira uma nova carteira de identidade?” A mocinha simpática me fez outra pergunta: “Quantos anos o senhor tem?” Respondi. Ela abriu um sorriso. “Então, nem precisa agendar. É só pagar o DARF e aparecer. O senhor tem prioridade”.

Onde quer que eu esbarre, tem sempre alguém me dizendo que eu tenho direito à prioridade. Como é que eu digo para o mundo que não preciso ser uma prioridade? Não duvido que Harrison Ford tenha tido prioridade nas filmagens de “Star wars — Episódio 7”. Nada de esperar o técnico preparar a luz, por exemplo. E Carrie Fisher, aposto, deve ter tido acompanhante no estúdio. Não dá mais pra deixar ela sozinha. Tá mais destruída que minha carteira de identidade.

E o filme? Ah, o filme é divertido. Deve ser indicado para algumas categorias técnicas do Oscar. E torço para que John Williams receba sua 50ª indicação pela música. Se bem que a música deste “Star wars” é igualzinha à dos seis filmes anteriores. Mas deve estar escondida na trilha sonora alguma novidade. Basta isso para ele receber a indicação. John Williams merece. E olha que ele já está com 83 anos. Qual o problema? Os 80 são os novos 60, que, por sua vez, são os novos 40. Como dizia Wanderléa, “nós somos jovens”. Por onde anda Wanderléa?

Artur Xexéo, Jornal O Globo.